



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

Benoni Codacio da Silva

AGROECOLOGIA COMO PRÁTICA, CIÊNCIA E MOVIMENTO

Recife, PE
2024

Benoni Codacio da Silva

Memorial

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial submetido ao curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Agroecologia.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Tenório Jalfim
Coorientador(a): Prof. (a) Dra. Maria Virginia de Almeida Aguiar

Recife/PE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C669a Codacio da Silva, Benoni
Agroecologia como prática, ciência e movimento / Benoni Codacio da Silva. - 2024.
38 f.
- Orientador: Felipe Tenorio Jalfim.
Coorientadora: Maria Virginia de Almeida Aguiar.
Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Bacharelado em Agroecologia, Recife, 2024.
1. Agroecologia. 2. Campesinato. 3. Território. I. Jalfim, Felipe Tenorio, orient. II. Aguiar, Maria Virginia de Almeida, coorient. III. Título

CDD 630.2745

Benoni Codacio da Silva

Memorial

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 08 de março de 2024.

Prof.(a) Maria Virginia de Almeida Aguiar, Dra.
Coordenação do Curso

Prof. Dr. Felipe Tenório Jalfim, UFRPE
Orientador

Banca examinadora

Prof.(a). Dra. Maria Virginia de Almeida Aguiar, UFRPE
Coorientador(a)

Prof. Dr. José Nunes da Silva, UFRPE

Prof. Dr. Walter Santos Evangelista Júnior, UFRPE

Dr. José Plácido da Silva Júnior, CPT/PE

Recife/PE, 2024.

“Ao meu pai e minha mãe, irmãos e minha amada esposa Danielle Grizze que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.”

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Felipe Tenório Jalfim, à Professora Maria Virginia de Almeida Aguiar e a todo corpo docente e técnico do curso pela contribuição que deram na elaboração e conclusão deste trabalho. Também a Comissão Pastoral da Terra - CPT, pela oportunidade que me deu ao permitir fazer esse curso e também aos estudantes, colegas de curso, camponeses e camponesas que de alguma forma contribuíram com a minha formação.

RESUMO

Este memorial tem o objetivo de registrar a trajetória vivenciada durante o curso de Bacharelado em Agroecologia, na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, desde o primeiro até o último período. Para isto, foram resgatados os trabalhos de pesquisa e extensão realizados, assim como, textos, vídeos e fotos, trazendo reflexões sobre Agroecologia e práticas agroecológicas realizadas durante a Vivência Universidade, como debates durante as aulas, assim como, da Vivência Realidade Campo em meus territórios de atuação, Zona da Mata Norte e Região Metropolitana do Recife, junto a comunidades rurais. Também foram registradas as imersões dos diversos territórios que visitamos desde o início do curso, e a experiência vivida durante o Estágio Supervisionado Obrigatório, que ajudaram a promover uma construção significativa da práxis agroecológica, criando um elo entre o saber científico e o empírico.

Palavras-chave: Agroecologia; Campesinato; Território.

ABSTRACT

This memorial aims to record the entire trajectory experienced during the Bachelor's degree in Agroecology, Peasantry and Popular Education at the Federal Rural University of Pernambuco – UFRPE from the first to the last period. For this purpose, we rescued the research work carried out throughout the course, as well as texts, videos and photos, bringing elements from our studies during the Vivência Universidade, such as debates and discussions during classes, as well as from the Vivência Realidade Campo in my territories, Zona da Mata Norte and Metropolitan Region of Recife, based on research on Agroecology and agroecological practices, carried out in loco in the communities. Also recording the immersions of the different territories, we visited since the beginning of the course, and the vivid experience during the Mandatory Supervised Internship - ESO, which helped to promote a significant construction of Agroecological praxis, creating a link between scientific and empirical knowledge.

Keywords: Agroecology; Peasantry; Territory.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	Um menino caranguejo-camponês.....	11
2	DESENVOLVIMENTO.....	14
2.1	Encontros e desencontros: da Agronomia à Agroecologia.....	14
2.2	A feliz vivência com a alternância.....	15
2.3	A metodologia para contar minha história.....	15
2.4	Traçando minha linha do tempo no BACEP.....	17
2.4.1	Primeira Imersão.....	20
2.4.2	Destaques da vivência universidade.....	25
2.4.3	Solidariedade e luta política.....	26
2.4.4	Terceira Imersão: Uma viagem virtual pelos Sertões.....	27
2.4.5	Planejamento e Ação no Etnoagroecossistema.....	27
2.4.6	Imersão na RMR.....	30
2.4.7	Visita ao Sítio Progresso.....	31
2.4.8	Os destaques do tempo da Vivência Universidade.....	31
2.4.9	Desafios.....	33
2.4.10	Sistematização no Etnoagroecossistema.....	34
3	Conclusão.....	36
	REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO - Um pouco sobre meu Memorial

Esse memorial é um resgate de minha vivência durante o curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, desde o primeiro período (2019.2) até agora. É uma tentativa de descrever resumidamente esse percurso que começou antes da pandemia do COVID-19, passando pela modalidade de estudo remoto e voltando à forma presencial.

Sou estudante da primeira turma do Bacharelado em Agroecologia. Minha entrada no curso se deu através da cota para estudantes camponeses garantida em seu edital de inscrição. No começo éramos 40 estudantes com 12 professores em sala de aula, sendo que, metade desses estudantes eram vindos do campo, ligados a organizações de movimentos sociais, pastorais e de assessorias, , feminista, de luta pela terra, da juventude, como a Pastoral da Juventude Rural - PJR, o Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não-Governamentais Alternativas - Caatinga, o Coletivo Capivara, o Serviço de Tecnologia Alternativa - SERTA, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST e a Comissão Pastoral da Terra - CPT, que é o meu caso.

Sermos da primeira turma nos deu o privilégio de ver o coletivo de professores dando suas contribuições na temática em que o outro trabalhava. Além disso, mesmo vivenciando contradições internas, contribuímos para a construção de uma turma com nível de maturidade bastante elevado. Chegamos ao oitavo período com praticamente a metade dos discentes que começaram o curso, esses em sua maioria oriundos de movimentos sociais. Alguns apenas ficaram para trás e estão cursando períodos anteriores ou desistiram do curso.

Neste memorial está presente não só a minha vivência do curso em Agroecologia, mas também uma breve autobiografia de minha vida antes dele. Minhas vivências no sítio da família, os conflitos pela terra vividos, a minha atuação nos movimentos sociais (culturais e estudantis) e a militância na União da Juventude Comunista - UJC e no Partido Comunista Brasileiro - PCB, bem como a atuação na Associação Pernambucana de Apicultores e Meliponicultores - APIME.

1.1 Um menino caranguejo-camponês

Eu sou neto de João Neri, Paivô, como era conhecido. Filho caçula de Elza Ferreira da Silva e de José Codacio da Silva. Sou camponês forjado no suor, no sal e na luta que brota da terra e sou nascido num sítio na zona rural do município de Paulista, em Pernambuco. Com apenas três meses de meu nascimento tivemos a terra usurpada pela família Lundgren¹, coronéis de outrora. Assim, fomos obrigados a ir morar em outro sítio, na zona rural do mesmo município, mas que, no entanto, era uma propriedade três vezes menor do que a anterior.

Apesar do termo camponês caranguejo estar ainda em construção, o que me levou a me identificar como tal, foi o fato de outrora, eu e meus irmãos vivermos enfiados na lama das marés do Porto ou de São Bento, ambas em Paulista, Região Metropolitana do Recife, pescando caranguejo, aratu, ostra, sururu, e também siri com gereré de espera². Também vivia constantemente agarrado a enxada, limpando, plantando e adubando as fruteiras, lavouras no sítio, assim como criando animais; galinhas, cabras e abelhas, por exemplo. Além disso, coletava as frutas e as comercializava em um carro de mão no bairro de Artur Lundgren I.

Foi meu pai quem nos ensinou o caminho dos mangues, e desde esse dia nunca mais o esquecemos. Nos ensinou também a observar o céu e saber quando a maré estava boa, a pescar camarão de anzol, a preparar um covo³ com isca de macaxeira, a colocar armadilhas para pegar guaiamum, e assim saberíamos onde prover nossos alimentos caso acontecesse dele não mais poder fazê-lo. Nesse tempo, o que eu ainda não percebia, era que o mangue, apesar de distante se tornava uma extensão não só de nosso território, mas também de nosso etnoagroecossistema, e esse modo de apropriação da natureza, como bem diz o texto camponês caranguejo do Jorge Roberto Tavares Lima, era nossa luta pela sobrevivência com foco na reprodução social da família.

¹ Família de origem sueca que migrou para o Nordeste do Brasil, estabelecendo-se com a atividade da indústria têxtil e uma cultura de coronelismo, através da qual "expandia" as suas terras na vizinhança de sua indústria.

² Gereré de espera é uma armadilha feita de arame e malhas de pano ou de nylon que se bota na água com uma isca para pegar siri.

³ Covo é uma armadilha feita com cipó ou com palha de dendezeiro para pescar camarão e pequenos peixes.

Anos depois, a partir da leitura da obra de Josué de Castro (Geografia da Fome) (CASTRO,1984), e debates realizados em sala de aula durante o curso de Bacharelado em Agroecologia, houve em mim o fortalecimento dessa identidade do "menino caranguejo - camponês", vivendo entre o sítio na cidade, o rio e o mangue. Lembro-me de meu avô com uma vara tangendo o gado do vizinho para não comer a lavoura de inhame e de macaxeira que ele e meu tio Gonzaga haviam plantado nas primeiras chuvas do inverno.

Foi ainda quando criança que tive o primeiro contato com o universo das abelhas. Alexandre Moura, que era amigo de meu pai, o convenceu a colocar no sítio umas caixas de abelhas e assim, ensinar aos meus irmãos e a mim, a arte da apicultura e da meliponicultura. Tempos depois foi criada a primeira Associação Pernambucana de Apicultores e Meliponicultores-APIME⁴, na época ainda éramos crianças, mas tempos depois, nos tornamos membros. Essa Associação pauta suas ações a partir da Agroecologia, tendo sua principal ideologia a luta pela preservação das abelhas e do meio ambiente.

Meus primeiros passos como agricultor se deram ao lado do meu tio e do meu avô, quando comecei a plantar macaxeira e criar galinhas e quando comecei a colher as frutas do quintal (jaca, manga, acerola, caju, cajá e macaíba) e vender em carro de mão na vila de Arthur Lundgren I, em Paulista.

Quando comecei a mergulhar na história da minha família, percebi que o camponês que mora dentro de mim vem desde a minha ancestralidade, pois estava sempre presente nas trajetórias de meus pais e avós e nas brincadeiras de infância e no modo de vida em que fui criado.

Meu avô materno sempre gostou de plantar inhame, macaxeira e fruteiras, quando a mão de obra da família não era suficiente, ele pagava uma diária para algum trabalhador da vizinhança plantar com a gente. O meu pai não costumava trabalhar na roça, como era fotógrafo, sustentava nossa família com essa profissão. Seu

⁴ A APIME é uma associação de Apicultores e Meliponicultores que tem como princípio a preservação das abelhas e do meio ambiente e executa alguns trabalhos de educação ambiental em escolas, parques ecológicos e em unidades de conservação ambiental.

último trabalho antes da aposentadoria foi como vigilante. Minha mãe assumia a criação, gostava de criar cabras, amarrar no mato, tirar o leite. Meu tio Gonzaga que também gostava de criar cabras, criava também galinhas e ficava mais responsável pela parte da lavoura; limpar, podar, adubar, plantar, colher e comercializar. Já a minha tia Zane, cuidava da horta. Meus irmãos Adgerlan, Adgerdenes e eu cuidávamos das abelhas nativas e italianas.

Não seria possível falar de minha história sem ressaltar a importância da minha militância política. Ainda na adolescência tive meu primeiro contato com o PCB, e por me identificar com sua ideologia e princípios, ingressei na UJC. Foi a partir dessa organização, e sua formação política e ideológica que passei a me interessar por participar do movimento estudantil, entendendo sua importância e assim disputando eleições nos grêmios estudantis das escolas por onde passei. Paralelo a isso, na minha comunidade organizava junto ao movimento cultural, um evento chamado de Clube da Música e Poesia, onde aconteciam na praça do terminal do bairro de Arthur Lundgren I - Paulista, recitais e apresentações culturais. Esse evento, veio influenciar a criação do Escambo Coletivo, ao qual eu faço parte. Esse Coletivo há 15 anos, promove na mesma comunidade o Escambo Cultural, que traz, eventos com apresentação de bandas, feiras de artesanato, feiras gastronômicas, cine cultural, recitais de poesia, tudo isso ancorado na pauta política do direito à cidade, que é um direito humano e coletivo, que diz respeito tanto a quem nela vive hoje quanto às futuras gerações. É um compromisso ético e político de defesa de um bem comum essencial a uma vida plena e digna em oposição à mercantilização dos territórios, da natureza e das pessoas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Encontros e desencontros: da Agronomia à Agroecologia.

Meu primeiro contato com a Agroecologia se deu na UFRPE, quando ainda estava no curso de Agronomia em 2007. Nesse tempo, tive a oportunidade de participar de um encontro regional que aconteceu na Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB, no município de Cruz das Almas. Ao voltar do encontro depois de participar de várias palestras e oficinas, comecei a integrar um grupo de discussão sobre Agroecologia, que também fazia algumas intervenções clandestinas na Universidade, como a ocupação de uma área para implantação de um Sistema Agroflorestal - SAFs. O grupo era composto por estudantes do curso de Agronomia, Engenharia Florestal, Biologia, Medicina Veterinária e Engenharia Agrícola e Ambiental.

Nenhum de nós dominava as técnicas da agrofloresta, pois o acesso à essa informação/tecnologia ainda era muito limitado, mas foi uma experiência interessante, por que nos desafiávamos mesmo com todas as limitações. Não consegui concluir o curso de Agronomia devido ao jubramento⁵ na disciplina de Bioquímica dos Vegetais. Na verdade, não me encontrei no curso, pois o mesmo era totalmente voltado para o agronegócio, seja do monocultivo da cana-de-açúcar ou mesmo da fruticultura irrigada, o que não me era atrativo pois, como já falava Caporal (2020), esse modelo se mostra excludente e socioambientalmente inadequado. Inclusive, criticar esse modelo de produção era motivo para ser mal visto por alguns professores. Além disso, tinha que cursar a disciplina de Controle de Plantas Invasoras que, basicamente, nos ensinava como fazer formulações de agrotóxicos para serem usados nos experimentos nas estufas e canteiros na Universidade. Com a minha aproximação do campo da Agroecologia e com o pouco de conhecimento que tinha adquirido, o curso foi se tornando cada vez menos atrativo. E ainda tive que encarar posições ameaçadoras por parte de alguns professores que não aceitavam concepções diferentes.

⁵ Jubramento é o cancelamento de matrícula e a cessação total do vínculo do aluno com a Universidade. Ou seja, é “perder a vaga”.

2.2 A feliz vivência com a alternância

Após ser jubilado, fui cursar o curso Técnico em Agroecologia no SERTA em Glória do Goitá/PE, o que fez com que eu conseguisse dar um primeiro passo importante como um camponês que queria alargar os horizontes do conhecimento.

Foi a partir do SERTA que comecei a experienciar a implementação de um Sistema Agroflorestal no sítio da minha família. O regime de alternância, que é um método que busca a interação entre o estudante que vive no campo e a realidade que ele vivencia em seu território, com a troca de conhecimentos entre seu ambiente de vida, trabalho e acadêmico, me permitiu aprender na instituição, executar na propriedade e devolver o aprendizado.

Por toda essa história escrita até aqui, foi consolidada uma identidade camponesa, fazendo surgir a necessidade de pautar a Agroecologia como a principal bandeira de luta, tanto dentro, quanto fora do âmbito familiar.

O despertar do meu interesse de regressar à Universidade deu-se quando soube da criação do curso de Bacharelado em Agroecologia – BACEP na UFRPE. Fiquei mais feliz ainda ao saber que o curso era em regime de alternância, como já mencionei, uma pedagogia de ensino que havia me encantado no período do SERTA.

2.3 A metodologia para contar minha história

A metodologia usada na escrita deste memorial se deu a partir do roteiro sugerido, onde foi necessário fazer uma descrição dos processos de construção do “eu camponês”, como me aproximei da Agroecologia e minha atuação como agroecólogo nas comunidades em que acompanho como agente pastoral da CPT.

Outra metodologia foi buscar os trabalhos escritos, fazer uma releitura e reescrever o processo desde o começo do curso até aqui e como forma de aproveitar e aprofundar algumas questões transversais, mas não menos importantes.

Foi necessário ainda resgatar a bibliografia em que trabalhamos durante o curso, pois isso dá uma abrangência e fundamenta toda a escrita com base no que estudamos durante os quatro anos.

O memorial precisou ser dividido em duas etapas, sendo a primeira, relativa à adoção de um território para realizar as atividades de pesquisa e extensão relativas

ao curso. Inicialmente, escolhi a Zona da Mata Norte, por estar trabalhando como técnico em Agroecologia e agente pastoral da CPT, naquela região. Adotei a família da irmã Miriam Maria durante o 1º Período, como experiência de agroecossistema camponês, do Sítio Antônio Dias, e assim, parte dos meus trabalhos foram escritos a partir da vivência em sua propriedade e nos processos organizativos da família. A parcela da Irmã Miriam fica no assentamento Chico Mendes, no antigo Engenho Prado, antes pertencente à Usina Santa Teresa, localizado na zona rural do município de Tracunhaém.

Já o segundo momento se deu quando deixei o território da Zona da Mata Norte para continuar meus trabalhos no sítio de minha família que fica no bairro de Jaguaribe no município de Paulista, na Região Metropolitana do Recife.

Outra metodologia foi trazer para o texto fotografias de nossas vivências, seja na Universidade ou no campo, como também fazer o resgate das poesias e músicas compostas durante o curso que envolveram todas as temáticas trabalhadas, apresentadas durante os momentos de culminância. Como não poderia ser diferente, a Agroecologia também se expressa através da arte. A poesia e a música, completaram os momentos de mística, não só durante nossas vivências, mas em todos os espaços em que se discute a Agroecologia. A poesia e a música agroecológica engajada é também uma forma de fazer a disputa por uma agricultura livre do veneno e das opressões, além de trazer leveza ao ambiente.

Assistir na tv, um comercial dizendo que o Agro é Pop, nos remete a ideia de que o agronegócio ultrapassou os limites da agricultura e da pecuária para navegar no campo da cultura. Hoje o agronegócio tem financiado um segmento da música principalmente no centro oeste, o sertanejo. Essa não é apenas uma simples jogada de marketing para “propagandear” o modelo de produção, foi também uma forma de gerar muito lucro, pois um show de um cantor como Gustavo Lima por exemplo, custa aos cofres públicos muitos milhares de reais em uma única apresentação. Assim o agronegócio além de conquistar corações e mentes pelo Brasil a fora, não deixa de participar do jogo sujo da política na produção de caixa 2 para eleger e deixar cada vez mais forte, por exemplo a bancada Ruralista⁶. Por tanto fazer

⁶ Na política do Brasil, a bancada ruralista (também referida pejorativamente como bancada do boi) constitui uma frente parlamentar que atua em defesa dos interesses dos proprietários rurais.

música e poesia fora desse contexto, valorizando as vivências nas comunidades, a ancestralidade, o respeito à diversidade, a natureza, fazendo denúncias das atrocidades e violências praticadas pelo agronegócio é também fazer uma disputa ideológica no campo da cultura, e assim enxergo minha música e minha poesia como ferramentas dessa disputa. Eu diria que a música e a poesia que faço é necessária na construção de processos que dialogam com a construção de um mundo sem males. Não conheço outro músico ou poeta que tenha dedicado um trabalho inteiro a temática da agroecologia e o meu novo projeto intitulado Revoada é justamente isso, a disseminação da agroecologia através da cultura a partir do universo das abelhas.

2.4 Traçando minha linha do tempo no BACEP - Conhecer o Etnoagroecossistema

Durante o primeiro período em nossa Vivência Universidade no mês de junho de 2019, os mapas cartográficos foram ferramentas importantíssimas que nos acompanharam, onde as lentes começaram enxergando todo o território em que estávamos inseridos, no meu caso, a Zona da Mata Norte. No entanto, à medida em que o curso ia avançando, as lentes iam aumentando e passamos a enxergar e trazer o mapa da comunidade, depois da propriedade e por último o do agroecossistema familiar (Figura 1). Foi através desta ferramenta que comecei a desenvolver a escrita a partir da história daquela comunidade Chico Mendes.

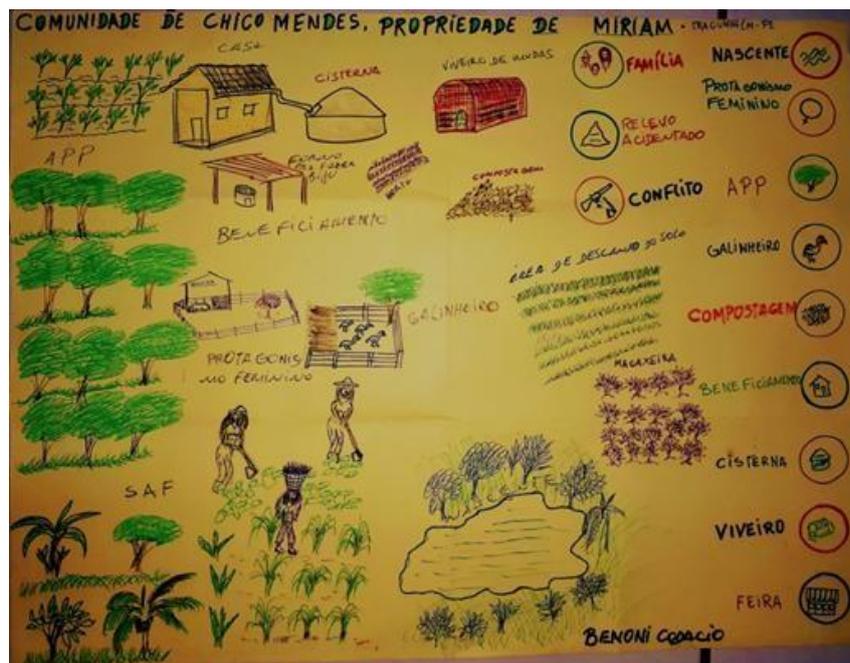
A escolha do etnoagroecossistema da Irmã Miriam não foi por acaso. Houve uma intencionalidade ao escolher uma história tão sofrida de uma mulher assentada e, ao mesmo tempo, tão bonita. Os conflitos familiares obrigaram a irmã Miriam Maria da Silva a tomar a mais importante decisão, não só da sua vida, mas também da sua família: escolher uma terra que ainda não havia conquistado, ou uma casa na

comunidade de Botafogo em Itapissuma-PE. Sem titubear, ela que ainda tinha as filhas Auda Maria da Silva e Alba Maria da Silva muito pequenas, escolheu a terra e

foi para "debaixo da lona preta"⁷, sem saber plantar, com poucas sementes e ferramentas precárias. Contou com a solidariedade e a força de poucas pessoas, como a agricultora dona Zezinha que sempre dizia para ela não desistir. Isso deu força suficiente para que alimentasse o sonho da terra prometida. Hoje aqueles que apostaram que ela não duraria dois meses na terra, observam uma das parcelas mais organizadas da comunidade, com pocilga, galinheiro, fogão ecológico e casa de farinha, além de uma área de preservação permanente-APP e uma plantação muito diversificada passando por um processo de transição agroecológica (Figura 1).

Sua filha Auda, que chegou a pensar em sair da terra, convenceu o marido a fazer a casa na parcela. A filha mais velha, Alba, que depois de casada foi morar em Botafogo, também convenceu seu marido a voltar para a terra e construir sua casa na propriedade. Hoje são as mulheres que comandam toda a produção familiar.

Figura 1: Mapa do etnoagroecossistema e atividades em Irmã Miriam



Esse Mapa mostrado na Figura 1 é uma demonstração da diversidade do agroecossistema da família da Irmã Miriam. Os ícones são representações das diversas questões envolvidas com a propriedade, por exemplo: o ícone dos conflitos,

⁷ "Debaixo da lona preta" é um termo usado pelos agricultores e agricultoras que ainda estão acampados, que ainda não conquistaram a terra e precisam viver debaixo dos barracos cobertos por lona preta.

representa a luta pela terra que a família teve que travar contra o latifúndio, o ícone do protagonismo feminino, fala da forma de organização das mulheres no beneficiamento e na produção familiar, o ícone da cisterna retrata as políticas públicas que a família pode acessar, o do galinheiro representa a criação animal, o da feira traz a representação da comercialização tanto na feira quanto em diversos eventos. O aspecto visual do mapa faz com que a gente possa passear pela propriedade e entender como funcionam alguns processos, sem mesmo ter visitado. O uso dessa ferramenta é fundamental para o desenvolvimento da noção espacial, possibilitando a identificação, análise e até mesmo a criação de estratégias de ocupação do território. Durante a optativa de metodologia também pudemos utilizar outras ferramentas significativas, como por exemplo, o diagrama de fluxo, que possibilita diagnosticar tudo que entra e o que sai do território, da comunidade ou da unidade familiar.

Na Figura 2 podemos ver um mutirão que aconteceu a partir de um projeto chamado de Mutirão Ciranda feito pelo Serviço de Tecnologia Alternativa - SERTA em parceria com a Comissão Pastoral da Terra - CPT nas comunidades de Nova Canaã, Chico Mendes e Ismael Felipe em Tracunhaém. O projeto era executado por um técnico do SERTA e dois técnicos da CPT, junto com jovens das três comunidades.



Figura 2: Foto de Benoni Codacio (2020)

Caixa 1: Poema “As três Marias” .

Pelas matas caminham passarinhos
sobre os galhos de árvores frondosas
Procurando lugar para seus ninhos
O assobio de seu canto é sua prosa.

Nessa mata passeio sob as sombras
Sinto assim esvair-se minhas mágoas
Na manhã orvalhada a aranha tece
esse brilho de sol num pingo d'água.

Mas a mata não é zona de conforto,
É conflito, é luta, é resistência,
Enxada lavrando a terra bruta
E as mãos pra plantar resiliência.

Onde os mapas são caminhos tortuosos
É preciso saber como chegar,
Enfrentar com bravura os poderosos
E imprimir toda forma de se amar.

É o dia nascendo radiante,
Onde o verde compõe a aquarela
São as três Marias levantando
Para uma “panha” de milho na parcela...

Fonte: Benoni Codacio da Silva (2020).

2.4.1 Primeira Imersão

Nossa primeira imersão foi na Zona da Mata Sul⁸ em junho de 2019. Nessa imersão, foram muitos desafios encontrados pelo caminho, a começar pela lama na estrada por conta do inverno/período de chuvas.

Na Zona da Mata de Pernambuco encontramos agricultoras e agricultores familiares, posseiros, assentados da reforma agrária, comunidades quilombolas e

⁸A imersão ocorreu no seguinte itinerário: nos municípios de Jaqueira, Palmares, Tamandaré, Rio Formoso e Sirinhaém - PE.

colônias de pescadores. Descobrimos também que esse território é um berço de conflitos sociais e da negligência do Estado, o qual permite, por exemplo, que empresas como a Agropecuária Mata Sul LTDA, destrua lavouras dos camponeses e camponesas, cortando plantações de bananeiras, colocando agrotóxico ou mesmo soltando o gado dentro da área para destruí-la⁹. Contratam milícias para ameaçar, aterrorizar e, até mesmo, matar camponeses, como foi o caso do menino Jonatas, que foi assassinado dentro de casa meses depois em que estivemos por lá, na frente dos pais, e também de um agricultor que foi alvejado com sete tiros dentro da própria comunidade (CPT, 2021).

Pudemos diagnosticar nessa imersão os impactos causados pelo Porto de Suape não só ao ecossistema marinho, por se tratar de um estuário onde várias espécies se reproduzem e os tubarões se alimentam, mas também as colônias de pescadores e aos povos das águas que tiveram sua pesca reduzida ou até mesmo ameaçada, quando vaza algum produto dos navios cargueiros.

É sempre importante trazer as memórias dos conflitos para não esquecermos em que território estamos pisando, e também a partir das experiências do passado, garantir a continuidade do aprendizado, promovendo através do conhecimento o fortalecimento e a organização dos trabalhadoras e trabalhadores do campo na luta

de classes contra o agronegócio. No que se refere a esse fortalecimento, encontramos nessa região muita resiliência através das feiras agroecológicas e das unidades de beneficiamento (Figura 3) organizadas por camponeses agroecológicos, existentes nesta região .

⁹Comunidades de conflito Mata Sul: Barra do Dia, Viola, Couceiro, Tambor e Humaitá – Palmares-PE; Canoinha – Tamandaré-PE; Caixa D'Água, Laranjeira, Barro Branco, Gulandi, Fervedouro e Várzea Velha – Jaqueira-PE; Pau D'Óleo – Catende-PE; Batateira – Maraial-PE; Camurizinho e Alméciga – Água Preta-PE; Roncadorzinho – Barreiros-PE (Informação da assessoria jurídica da CPT Pernambuco).

Figura 3: Unidade de beneficiamento de frutas – Sirinhaém-PE



Fonte: Benoni Codacio (2019)

Encontramos ainda muitas organizações atuantes como sindicatos dos trabalhadores rurais, Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Assalariados Rurais de Pernambuco - FETAEPE, Federação dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco- FETAPE, Serviço de Tecnologia Alternativa- SERTA, Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, Comissão Pastoral da Terra - CPT, Colônia de Pescadores. Também encontramos uma área de preservação ambiental como foi o caso da Reserva Ecológica de Saltinho (Figura 4).

Figura 4: Reserva Ecológica de Saltinho, Zona da Mata Sul.



Fonte: Benoni Codacio (2019)

No segundo período, em março de 2020, realizamos a segunda imersão, dessa vez, na Zona da Mata Norte. Observamos nesse território que a cana-de-açúcar é predominante em toda a região, o que, por natureza do latifúndio com seu pacote tecnológico da revolução verde, agride bastante aqueles solos, destruindo as árvores, matando os microorganismos e animais através das queimadas, envenenando os mananciais e nascentes e prejudicando a lavoura das camponesas e camponeses através da pulverização aérea de veneno.

Conseguimos perceber também que as áreas de assentamento foram frutos de muita luta, organizadas tanto pelo MST, quanto pela CPT.

A cultura popular também é algo muito forte na região, como é o caso dos grupos de Maracatu Rural de Baque Solto, como o grupo Leão Formoso de Tracunhaém, grupos de Cavalinho Marinho, o grupo de capoeira angola do Mestre Joabe, como pudemos observar no Sítio Malocambo, além do artesanato, principalmente com o barro, nos diversos ateliês da cidade de Tracunhaém.

Vimos ainda muitas organizações políticas, como associações de trabalhadores e trabalhadores rurais nas comunidades que visitamos, Sindicatos Rurais, Federações como Federação dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco - FETAPE e a Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Assalariados Rurais de Pernambuco - FETAPEPE, que assumem um protagonismo na organização e luta dos trabalhadores assalariados rurais e da agricultura familiar.

No que se refere aos desafios, observamos o assédio das usinas nas comunidades com relação ao monocultivo da cana e ao uso de insumos agrícolas, que se dá de forma sorrateira, ou seja, a usina chega oferecendo trator para gradear a terra, calcário para correção da acidez do solo, o adubo químico, o veneno, a semente da cana, o transporte e a oferta para comprar toda a produção. Organizam grupos de agricultores dos assentamentos para o que eles chamam de reuniões com "parceiros". Por outro lado incentivam cada vez mais os camponeses e camponesas a plantar cana-de-açúcar ao invés de lavoura de alimentos, como por exemplo, inhame, macaxeira, batata doce, fruteiras e hortaliças. Além disso, a medição e pesagem da produção é feita pela usina que sempre rouba os trabalhadores burlando o peso da cana, tanto com os cortadores de cana, quanto com os assentados.

Outra questão foi a limitação de acesso às políticas públicas como o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e o Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, por parte dos governos, e ainda as dificuldades com a comercialização da produção de alimentos que tem sido um dos principais desafios a serem superados, pois as feiras locais já não absorvem mais a produção das comunidades.

Esse triste cenário foi o pontapé inicial para os processos de arrendamento de terras dentro das comunidades/assentamentos por parte dos próprios agricultores, pois aqueles que não conseguiam plantar toda a parcela, arrendavam a parte não plantada para aqueles agricultores “parceiros” da usina, o que, segundo o INCRA (2023), constitui-se como uma ilegalidade, pois os lotes da reforma agrária “não podem ser vendidos, arrendados, alugados, emprestados ou cedidos para particulares sem autorização da autarquia” (INCRA, 2023, p. 2).

Mesmo diante desses desafios, o que mais nos deixou com gosto para seguir em frente foi perceber que é possível mudar uma realidade a partir da luta.

Camponeses e camponesas daquela região vem conseguindo transformar o “deserto verde” de cana-de-açúcar em um “oásis” de produção de alimentos, enfrentando toda a truculência do latifúndio e a opressão do Estado na ocasião dos despejos, ainda que a presença da usina ainda seja uma ameaça.

Nossa imersão na Mata Norte nos deu a oportunidade de conhecer experiências como a do Sítio Ágata situado na comunidade Chico Mendes que, além das histórias de luta, realiza diversos experimentos agroecológicos. Lá também participamos de um mutirão em um SAF. Ainda nessa comunidade conhecemos também a experiência da irmã Miriam, os processos organizativos da família e sua bela história de luta. Depois fomos ao sítio Malocambo conhecer o grupo de capoeira angola do Mestre Joabe pai do estudante Orumilê que nos deu uma das melhores aulas da história da capoeira. Passamos ainda pelo grupo de Maracatu de Baque Solto Leão Misterioso onde ouvimos suas histórias e por diversos ateliês do artesanato com barro de Tracunhaém.

2.4.2 Destaques da vivência universidade

É fundamental relatar aqui, o contexto atípico que vivemos logo após a imersão na Zona da Mata Norte. No começo do segundo período, em Março de 2020, o mundo se deparou com a pandemia do Covid-19 que mudou toda nossa realidade, nos obrigando a manter medidas de prevenção da doença, que nos exigiram isolamento social. Durante esse período foi necessário, não apenas tomarmos medidas restritivas contra essa doença pouco conhecida e mortal, mas também nos desafiarmos ao enfrentamento contra o Governo do então Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, de extrema direita, negacionista e pouco preocupado com o caos instaurado no Brasil e no Mundo.

Neste contexto, a UFRPE, implementou de início a suspensão das aulas e depois passou para a modalidade remota, onde pudemos cursar o chamado Período Letivo Excepcional-PLE, como uma forma de manter o vínculo entre professores e estudantes, além de garantir, apesar da situação, a continuidade do processo de construção de conhecimento. Incondicionalmente o PLE serviu como base para a retomada da rotina de estudos, ainda que de maneira virtual. No entanto, durante esse tempo, minhas atividades no Etnoagroecossistema da Irmã Miriam ficaram

suspensas, mas no sítio de minha família, pude começar algumas práticas aprendidas durante o curso, como por exemplo, o inventário da agrobiodiversidade de plantas e animais existentes na propriedade, as conexões e a forma de organização familiar, além de começar a discussão sobre alguns processos agroecológicos, o que resultou na mudança de território para a RMR.

Essa música surgiu durante o período de isolamento quando ainda nos encontrávamos remotamente, a partir de questionamentos do professor Ângelo, que nos provocava a olhar pela janela e observar a natureza em movimento que estava ao nosso redor.

Caixa 2: SINOPSE DE UM DIA TRANQUILO

Eu to no primeiro andar
Contemplando o infinito
Onde tudo é mais bonito
Silêncio posso escutar
Tarde finda o sol poente
Esvaindo-se a aurora
No curto avançar das horas
caminhando eu chego lá
Nasce a noite a lua é cheia
Um céu bonito estrelado
Eu respiro aliviado
Pirilampos à vagar
Na noite silenciosa
Molhando o capim o orvalho
Beija-flor dorme no galho
Vagalume alumiar.

Fonte: Benoni Codacio da Silva (2021).

2.4.3 Solidariedade e luta política - *Planejar e agir no Etnoagroecossistema*

No terceiro período, ainda durante a pandemia, o maior aprendizado foi a solidariedade presente entre o coletivo de discentes e docentes que sempre estiveram atentos aos cuidados de como andava a saúde física e mental de cada estudante e educadores. Isto fez com que fosse construída uma relação de muita confiança entre o coletivo, fomentando princípios de empatia e fortalecendo vínculos.

Mas essa solidariedade não ficou apenas na dimensão do curso. Ela se espalhou pela cidade com vários estudantes do BACEP, participando de arrecadações e distribuições de alimentos em seus territórios, mesmo estando expostos à contaminação do vírus.

Os desafios desse período foram muitos: como conseguir garantir os estudos em meio à uma crise sanitária, psicológica e no meio de uma trajetória fascista de governo?

2.4.4 Terceira Imersão: Uma viagem virtual pelos Sertões

Um desafio significativo também foi o de como imergir nos Sertões de forma virtual, o que foi feito por nossas colegas de turma de forma brilhante.

As sertanejas Tatiane Faustino, Samara Santana, Irís Maria, Caroline Alves, Ana Sabrina, Soraia Cindicy e Jaislânia Araujo, conseguiram organizar, apesar das limitações de internet, vídeos, debates e entrevistas com experiências sertanejas trazendo questões importantíssimas, tais como, as diversas expressões do campesinato dos Sertões do São Francisco, Araripe, Pajeú em Pernambuco e Crateús no Ceará. A poesia, os povos das águas, o quilombo, as feiras agroecológicas e as instituições políticas e de ensino estavam presentes, além dos modos de apropriação da natureza e da racionalidade camponesa vividas pelas suas famílias.

Em meio a tantas tragédias acontecidas durante esse governo, ter conseguido atravessar vivo a pandemia já foi motivo o bastante para seguir em frente, mas a curiosidade de conhecer outros territórios e aprofundar ainda mais se caracterizou como um estímulo ainda maior.

Tivemos nesse período a chegada da nova turma e conseguimos perceber que a nossa rede se ampliava com futuros agroecólogos que fortaleceram essa comunidade de estudantes em Agroecologia.

2.4.5 Planejamento e Ação no Etnoagroecossistema

Nesse semestre tivemos a imersão virtual nos Agrestes Setentrional, Meridional e Paraibano. Foi nessa imersão virtual que pudemos conhecer minimamente os trabalhos feitos pelos estudantes Bruno Marques em Feira Nova com assistência técnica e extensão rural, como também a relação de sua família com o sindicato, bem como com a FETAEPE.

Pudemos ainda conhecer as atividades desenvolvidas por Ana Guilhermina e Raul Brainer no Sítio Alcobaça em Buíque no Vale do Catimbau. Conhecemos também os trabalhos na horta escolar do estudante Micael Cadete na escola Napoleão Teixeira, e com direito a apresentação de poesias pela poetisa Karla Montana, com um cordel autoral falando do Agreste, e uma fala de um vereador do município de Jupi, que se posicionou com respeito a organização de feiras de produtos orgânicos no município. Por fim tivemos a apresentação do estudante Antônio Carlos sobre suas vivências no Agreste paraibano, colocando como fonte de sua inspiração sua mãe, que nos tempos de seca se deslocava vários quilômetros em busca de água para dar de beber aos filhos e aos animais. História comovente que normalmente se repete não como uma “farsa ou como uma tragédia” como diria Karl Marx, mas como descaso do poder público quando não executa as políticas públicas tão necessárias para a convivência com o semiárido.

Só no quinto período (2022) encontramos pela primeira vez a nova turma em Normandia (Centro de Formação do MST em Caruaru), no último dia de nossa imersão aos Agrestes na volta das atividades presenciais.

Aprofundar o conhecimento sobre o agroecossistema animal e vegetal, como eles se interrelacionam e como produzir a ração animal a partir do agroecossistema vegetal, foi um dos principais aprendizados que tivemos durante a imersão.

Na viagem aos Agrestes, vimos o importante trabalho com as sementes crioulas da Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional de Pernambuco -

SEMEAM, em Garanhuns, trabalho que já se disseminou por toda a região, fomentando o protagonismo e soberania das camponesas e camponeses com relação às sementes.

Ver o trabalho educativo do estudante Micael Cadete no SAF de hortaliças da Escola Napoleão Teixeira foi algo surpreendente. Fez-nos perceber a potência que a Agroecologia tem de transformar o ambiente, promovendo através dessa ação a educação popular em um ambiente de educação formal, envolvendo teoria e prática, produzindo comida de verdade.

Construir um SAF forrageiro no Vale do Catimbau, na propriedade de Ana e Raul, foi o maior aprendizado que tivemos nessa viagem. Um trabalho coletivo que

envolveu não apenas a família, mas também a comunidade, as crianças e nós, estudantes e professores.

Foi também nesse período que tivemos as aulas mais gostosas de todo curso com o beneficiamento dos alimentos na cozinha do Bacharelado em Gastronomia com as professoras Zênia e Mônica. Foram colocadas em prática receitas de geleias, ricota, requeijão, pães e biscoitos, receitas simples e gostosas que pudemos experimentar e aprender.

Outro aprendizado que tivemos foi sobre a importância das plantas medicinais cultivadas em farmácias vivas nos quintais produtivos, e a produção de fitoterápicos como forma de autonomia camponesa na promoção da saúde. Ainda nesse período, uma das atividades mais marcantes foi a trilha ecológica que realizei com a minha família na Reserva Ecológica de Mata Atlântica da Jaguarana em Paulista-PE, que fica atrás do sítio onde moramos. Imergir dentro da mata é como enxergar a natureza estando dentro dela, sentindo-nos parte integrante daquele sistema. Também a construção ou melhoramento do SAF no Sítio, foi uma atividade importantíssima para podermos falar sobre manejos ecológicos de sistemas agroflorestais.

Começamos o 6º período entrando nos Sertões do Pajeú e Araripe e, nessa imersão, pudemos conhecer experiências magníficas como a de Barrim e Lena onde a força da organização familiar estava presente em todos os aspectos, no sistema agroflorestal, na criação de abelhas, na criação animal de porcos, gado, carneiro e galinhas, na produção da alimentação animal como o silo, no protagonismo da juventude com várias lideranças jovens na família, no

protagonismo feminino com o beneficiamento da produção e na soberania das sementes com o banco de sementes crioulas.

Outra experiência que conhecemos foi a de dona Gerlande, que por pura teimosia e insistência, conseguiu convencer o marido Francisco a mudar toda a matriz produtiva convencional do seu agroecossistema para agroecológica.

Vimos ainda o protagonismo das mulheres com Nazilda e Felícia, com um experimento de produção artesanal de vinhos feitos a partir da produção dos camponeses e camponesas de sua vizinhança. Hoje a propriedade se tornou um dos espaços mais visitados pelo turismo de Triunfo.

E por último fomos conhecer a experiência da família Lermen, Vilmar e Silvanete que, junto com seus filhos, conseguiram transformar sua propriedade praticamente em uma escola de Agroecologia, conseguindo influenciar várias famílias daquela região, nos remetendo, ao que nos mostra Gliessman (2000), como o enfoque agroecológico que é por ele definido como a aplicação dos princípios e conceitos da Ecologia no manejo e desenho de agroecossistemas mais sustentáveis. A propriedade que tem vários sistemas agroflorestais em vários níveis diferentes, é praticamente um oásis, não só de diversidade genética, mas também de conhecimento.

Foi no sexto período que mergulhamos na sistematização de experiências das vivências de períodos anteriores e do atual (Fevereiro de 2023) com aulas teóricas e práticas. Foi como um ensaio para o que estamos vivenciando hoje. Tivemos também a disciplina de Libras, a qual eu nunca tinha tido contato, sendo uma experiência riquíssima ministrada pela professora Leiane. Outro aprendizado que tivemos foi sobre usos florestais e silvicultura, onde pudemos estudar a importância dos Sistemas Agroflorestais com relação aos recursos madeireiros e não madeireiros.

A imersão nos Agrestes me deu a oportunidade de ampliar a visão com relação a essas temáticas, pois pudemos ver na prática o uso desses recursos nas propriedades das famílias que visitamos. Por fim foi nesse período também que pagamos uma disciplina optativa de Metodologias Participativas, que nos fez ter um aprofundamento sobre as ferramentas com as quais pudemos usar na nossa vivência realidade campo, como o diagrama de fluxo, que não conhecia, o diagrama de Venn, e o Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças- FOFA.

2.4.6 Imersão na RMR

Nesse semestre (Julho de 2023) imergimos na Região Metropolitana do Recife, conhecendo as diversas experiências de agroecologia urbana como a unidade de reaproveitamento e produção de sabão, onde também participamos de uma oficina de produção de composto com materiais recolhidos na própria comunidade e conhecemos os diversos quintais produtivos e as hortas existentes na comunidade Chié do Entra. Pudemos conhecer ainda na comunidade Entra a Pulso os viveiros de produção de camarão, tivemos ali naquele espaço que mais se

assemelha a um quilombo urbano, uma aula de aquicultura ao som de um samba de coco autoral cantado e tocado desde seus ancestrais pela família que contava histórias sobre a luta de resistência daquela comunidade.

2.4.7 Visita ao Sítio Progresso

Passei grande parte do curso aguardando a imersão no território da Região Metropolitana do Recife, para assim poder colocar no horizonte, a visita ao sítio da minha família.

Muito já se sabia da história devido aos meus relatos a partir dos trabalhos que fazia usando a nossa propriedade como base dos estudos onde pude aplicar as ferramentas de metodologias participativas, como foi o caso das Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças - FOFA e da Árvore de Problemas, com relação à criação animal que tínhamos na propriedade. O tempo ficou curto para vivenciar todas as experiências no sítio. Ainda assim, tivemos uma conversa em que começamos com a história de como chegamos naquela propriedade e território. Foram depoimentos emocionantes sobre os conflitos existentes entre a família Lundgren e nossa família, as injustiças que sofremos ao longo de quarenta anos e nossas estratégias de resistência.

Depois, estudantes e professores do BACEP foram conhecer a propriedade, começando pela composteira que é organizada a partir da matéria orgânica produzida no sítio. Em seguida vimos dois sistemas agroflorestais. Também com meu irmão Adgerlan Codacio, tivemos uma oficina sobre meliponicultura, a partir da abelha Uruçu no meliponário.

2.4.8 Os destaques do tempo da Vivência Universidade

O sétimo foi o período de realizar a primeira parte do estágio, que no meu caso foi feito na CPT com implantações de sistemas agroflorestais na zona da Mata Norte nas comunidades de Chico Mendes e Nova Canaã na zona rural de Tracunhaém, comunidade Padre Tiago no município de Moreno e comunidade do Gongo no município de Itambé. Foi também o período de fazer a disciplina optativa de Bioconstrução, que nos possibilitou realizar a construção de uma geodésica que até hoje está sendo utilizada pelo curso.

Nossas Vivências Universidades eram uma forma de preparação e fortalecimento intelectual para imersão nos territórios durante a nossa Vivência Realidade Campo, e serviam como aprofundamento, compreensão das contradições e contribuições do processo dialético que os territórios nos proporcionaram, dentro da leitura Marxista e Freiriana. No Serviço de Tecnologia Alternativa – SERTA, já havia descoberto, enquanto fazia o curso, o poder da alternância, mas foi durante o BACEP que descobri que um curso de graduação também pode ser autogestionado. Formamos então quatro grupos de auto gestão: avaliação, cuidados e infraestrutura, registro e sistematização, cultura/mística e mobilização.

Isso fazia com que a dinâmica do curso em que nos propomos a construir, exercitássemos na prática os processos de ensino aprendizagem, na perspectiva de Paulo Freire (1987), onde todos podem ser educadores e educandos ao mesmo tempo, estudantes e professores, técnicos e agricultores. A partir da perspectiva da troca de experiências, o processo educativo se enriquece, pois como disse o fabulista grego Esopo (2002); “Ninguém é tão grande que não possa aprender, nem tão pequeno que não possa ensinar”.

Por fim, as Vivências Universidade têm sido sempre um convite ao aprendizado teórico, do ponto de vista das temáticas estudadas e práticas com relação a fazer funcionar a autogestão do curso. Por sua vez, a Vivência Realidade Campo está principalmente ligada ao território, de forma que não estar na Vivência Universidade, não significa necessariamente não estar em aula, muito pelo contrário, apenas a sala de aula muda de lugar, passando da Universidade para o sítio da família ou da experiência em que adotamos, no meu caso a família da Irmã Miriam, na Comunidade Chico Mendes, na Zona Rural de Tracunhaém.

O sítio Antônio Dias, carinhosamente também conhecido como sítio das Três Marias, foi onde pude em minha Vivência Realidade Campo - VRC, estudar os modos de apropriação da natureza e da racionalidade camponesa uma vez que naquela propriedade observei o caráter de pertencimento daquela família à terra, sua identificação enquanto camponesas e camponeses, assim como, o uso de seu espaço como território de trabalho, social e político (Caixa 2), entendendo como aborda Victor Toledo (1995), os níveis de campesinidade estabelecidos a partir da luta de ocupação daquele lugar.

A família da Irmã Miriam passou por um processo de recampesinização, uma vez que sua família tinha origem no campo, migrou para a cidade e depois voltou para a terra, hoje vivendo do que planta, beneficia e comercializa na Feira local do município de Araçoiaba.

2.4.9 Desafios

Nessa trajetória da vivência realidade campo, encontramos muitos desafios pela frente e o primeiro deles foi como trabalhar a agroecologia em escala comunitária. Encontramos muitos exemplos de trabalhos e acompanhamentos feitos à família tanto pelo Serviço de Tecnologia Alternativa - SERTA quanto pelo Centro Sabiá, no entanto uma experiência de transição agroecológica em uma dimensão comunitária é bem mais difícil. Nesse contexto, a Comissão Pastoral da Terra - CPT e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST vem implementando essa experiência baseando-se em uma metodologia cubana chamada Camponês a Camponês.

Outro desafio foi o de como garantir os processos de transição agroecológica à uma família que se desestruturou devido à separação do casal. Tivemos o exemplo de agricultores que devido a esse fato, voltaram ao plantio de cana, destruindo parte do SAF da propriedade que já havia sido implementado.

Também houve o questionamento de como garantir o protagonismo da juventude e a sucessão familiar¹⁰ na organização comunitária. Percebi que existe

uma ciclicidade nos processos de organização. Ora os jovens estão mais organizados e ora menos, mas não há uma linearidade nesse processo.

Falando especificamente da família da Irmã Miriam, que está em um processo de transição agroecológica, apesar de todo o protagonismo feminino, foi plantada cana-de-açúcar em sua propriedade por influência de seu novo companheiro, admitindo o uso de veneno nos caminhos e no terreiro de sua casa. Isso, na verdade, constitui uma regressão no processo de construção agroecológica, e também demonstra o machismo na relação familiar, pois embora as decisões

¹⁰A sucessão familiar rural é um processo pelo qual a gestão de uma propriedade rural é transferida da geração atual para a próxima, podendo envolver um membro sucessor da família ou vários sucessores.

sobre a propriedade sejam dela, a chegada desse novo integrante na família, a fez voltar atrás em seus princípios.

Como objeto de minha escrita, foi o processo de organização familiar da Irmã Miriam e, ao mesmo tempo, o trabalho como agente Pastoral da CPT, que posso dizer que ao final desse acompanhamento junto a essa família, restou o saldo positivo no sítio Antônio Dias de um Sistema Agroflorestal - SAF, também, um viveiro de mudas, uma área de pocilga e uma atividade de captura de abelhas que animou Emanuel, genro da Irmã Miriam, a querer ingressar no ramo da Apicultura. Muitas dessas ações foram resultados de mutirões, alguns com a participação da juventude. Mas o principal ponto foi a assimilação do conceito de agroecologia como orientação para um modelo de disputa para o campo. Para mim, há uma alusão ao Marxismo, que nos diz que há um primeiro pressuposto de toda a existência humana: os homens devem estar em condições de poder viver a fim de fazer história, mas para isso, é necessário antes de tudo, beber, comer, ter um teto, vestir-se, ter uma vida digna, e que a emancipação das trabalhadoras e trabalhadores, sejam eles urbanos ou rurais, será obra das próprias trabalhadoras e trabalhadores.

2.4.10 Sistematização no Etnoagroecossistema - Estágio Supervisionado Obrigatório

Esse período (Outubro de 2023) foi um dos mais esperados por se tratar de nossa última imersão que aconteceu no Sertão do São Francisco/PE, onde pudemos conhecer o agroecossistema familiar da estudante Carol na comunidade Quilombola de Inhanhum. Depois de mergulharmos nas águas do São Francisco seguimos para Independência no Sertão de Crateús, no Ceará, onde visitamos uma agroindústria

de beneficiamento do algodão agroecológico. A partir daí não consegui concluir a viagem por motivo de doença e tive que voltar para Pernambuco (Caixa 3).

Caixa 3: Minha Natureza, minha terra, meu lugar.

Vivendo deserdado em outras terras
 Fugindo das guerras do meu Ceará
 Senti no peito uma frieza estranha
 Como quem me arranha assim sem me tocar
 Lembrei do cheiro da caatinga viva
 De uma Patativa vindo me acordar
 Meu pai bem cedinho cortando maniva
 Preparando a terra pra poder plantar
 Eu pobre cancionista
 Pisando triste no calor do asfalto
 Nas bandas do sul
 Mas tô firme e verdadeiro
 Ainda volto a versejar nas terras
 Do meu Crateus
 Lá na chapada um galo de Campinas
 Dá um voo rasante pra se enveredar
 E no 3x4 o rosto da menina
 Que vem a janela pra me ouvir cantar
 Dessas lembranças bate uma saudade
 Minha Natureza é o meu lugar
 Termina a seca, ascende a Primavera
 Meu Sertão me espera que eu vou voltar.

Fonte: Benoni Codacio 16/10/2023

Assim como no anterior, nesse período foi realizada a segunda etapa do estágio, que continuei na CPT mas com um trabalho de iniciação a criação de abelhas. O trabalho foi feito com sete agricultores e agricultoras das comunidades de Nova Canaã em Tracunhaém, Padre Tiago em Moreno e Dom Helder em Aliança. Começamos o estágio fazendo um estudo da importância das abelhas nos sistemas agroalimentares, a importância do uso de Equipamentos de Proteção Individuais -

EPIs no manejo apícola, produção de suportes para caixas e montagem de apiários, captura de enxames e uso de cera alveolada. Foi também o momento de pagar mais uma cadeira optativa, a de Acesso a Mercados, onde conseguimos aprofundar

questões como o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, as políticas públicas para a agricultura familiar e os desafios das feiras agroecológicas mediante o avanço das grandes redes de supermercados.

3 CONCLUSÃO

Caixa 4: O tempo.

O tempo é vento que sopra maneiro
Cavalo que corre sem rédea e sem cela
Quebrando correntes destrava cancelas
Nas noites, nos dias tá sempre presente
Num súbito e amargo silêncio estridente
Que ao fim da estrada chegou sorrateiro
Adentra os mistérios do sol e do ar
Dos frágeis poetas é o ancoradouro
Não tem CPF, não tem logradouro
Nos dez de galope na beira do mar;

O tempo é segredo que não se revela
Que não se desgasta, que não se consome
Que engole os planetas mas não mata a fome
Transpondo o azougue do gume da faca
No jogo da vida defende e ataca
Da profundidade das coisas singelas
Se torna distante pra se aproximar
Distorce os momentos que o sonho cultivava
Galopa o galope da morte e da vida
Nos dez de galope na beira do mar;

O tempo é vereda varando o destino
O dia é a noite, o claro é o escuro
A longevidade de um frágil futuro
Um salto no escuro contido e latente
Na força de um ciclo tão onipotente
Que nasce gigante e se faz pequeno

Qual lágrima que desce tão subliminar
Diante do império que ergue os
escombros
Se queda nos ciclos que leva nos ombros
Nos dez de galope na beira do mar!

Fonte: Benoni Codacio 07/03/2024

A escrita deste memorial sem dúvidas se caracterizou como uma das partes mais significativas desse processo, pois trouxe consigo a sensação de dever cumprido e como o próprio nome já sugere, relatar as memórias dos momentos mais importantes da minha trajetória no curso de Bacharelado em Agroecologia - BACEP, reforçando a construção do aprendizado vivenciado durante todo o curso.

Ao chegar até esse momento, pude perceber o quanto foi difícil resumir em 30 páginas uma história que facilmente daria mais de 200. Que parte deixar de fora? O que é menos importante? Essas foram algumas das inquietações que surgiram durante a escrita.

Também foi possível perceber que a pandemia do COVID-19 (2020-2022) nos isolou dentro de nossas casas, mas não conseguiu nos separar enquanto coletivo. Voltamos às nossas rotinas por um lado fragilizados devido às sequelas deixadas pela doença, no entanto mais próximos e mais cuidadosos uns com os outros.

Em suma, este memorial, me fez compreender que o BACEP na UFRPE é extremamente necessário, não só como um curso de graduação, mas sim, como uma ferramenta de disputas ideológicas e práticas dentro de uma Universidade que tem grande parte de sua formação voltada para o agronegócio.

Entender a Agroecologia como a principal saída é fundamental, pois sem o uso responsável do solo, da água e do ar, a humanidade estará à beira de um colapso. Temos que preservar o meio ambiente de maneira sustentável, possibilitar o consumo consciente de alimentos sem veneno, e garantir a soberania hídrica, energética e alimentar dos povos das terras, das águas e das florestas. Como diz Primavesi (2008), a terra não é um recurso, mas sim um organismo vivo que possui suas necessidades, estando tudo interligado.

Por fim, concluo que esse percurso agroecológico está apenas no começo, a trilha é longa e cansativa, mas necessária e gratificante.

REFERÊNCIAS

CAPORAL, Francisco R. **Transição Agroecológica e o papel da Extensão Rural**. Extensão Rural, Santa Maria, v. 27, n. 3, p. 7-19, 2020.

CASTRO, J . Geografia da Fome. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1984.

CPT. CPT divulga relatório sobre conflitos no campo, no Brasil, em 2021. Disponível em <https://www.cptne2.org.br/noticias/noticias-por-estado/5793-cpt-divulga-relatorio-sobre-conflitos-no-campo-no-brasil-em-2021>. Acesso em: 28 de março de 2024.

ESOPO. As Fábulas de Esopo (em texto bilíngue: grego-português). Tradução direta do grego, prefácio, introdução e notas de Manuel Aveziza de Sousa. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

INCRA. **Assentamentos**. Ministério do desenvolvimento Agrário. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/reforma-agraria/assentamentos> Acesso em: 15 dez. 2023

PRIMAVESI, Ana Maria. **Agroecologia e manejo do solo**. Revista Agriculturas, v. 5, n. 3, p. 7-10, 2008

TOLEDO, Victor Manuel. **Campsinidad, agroindustrialidad, sostenibilidad: los fundamentos ecologicos e históricos del desarrollo rural**. Centro de Ecologia, UNAN, México, 1995.